www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA ISBN: 978-65-87289-08-3

GT 26. Cosmo-socio-morfologias ameríndias: entre comparação, contrastes e invenção

Coordenador(es):
Paulo Roberto Homem de Góes (Jeriva Socioambiental)
Aline Fonseca Iubel (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Sessão 1
Debatedor/a: Diogenes Egidio Cariaga (UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

Sessão 2
Debatedor/a: Nicole Soares Pinto (UFES - Universidade Federal do Espírito Santo)

Há quase duas décadas Viveiros de Castro propunha que "seria tempo de se tentar uma análise comparativa das morfologias e processos supralocais na Amazônia, que dispusesse lado a lado os “conjuntos multicomunitários” yanomam, os “grupos” e “aglomerações” trio, os madiha kulina, os itso’fha piaroa, os “nexos endógamos” jívaro, os “subgrupos” parakanã ou wari’, e assim por diante” (2002, p. 105). Desde então, muitas pesquisas acerca das sociomorfologias ameríndias, na Amazônia e alhures, vem sendo produzidas, porém, a ambição comparativa da etnologia parece não ter acompanhado o desenvolvimento etnográfico com o mesmo vigor. O objetivo do presente GT é debater a comparação enquanto método etnológico e, para tanto, convidamos pesquisadores a dialogar sobre formas ameríndias de “invenção do social”: sua produção de coletivos e territórios (atuais e virtuais), com enfoque seja em relações interaldeãs e interétnicas, seja em relações interespecíficas, seja, ainda, na mútua pressuposição de tais relações. Buscamos, portanto, promover debates a partir de etnografias, de trabalhos etnohistóricos, de arqueologia, da linguística ou do próprio conceito de comparação no sentido de renovar as articulações que compõem a agenda da etnologia e de (re)apropriar interpretações das invenções ameríndias do social.

Os sonhos entre os Guarani Mbya e sua articulação com parentesco e configurações sociais multilocais

Autoria: Hugo Salustiano Santos (USP - Universidade de São Paulo)

Nesta comunicação, pretendo elaborar como os sonhos entre os Guarani Mbya conectam-se às suas práticas de territorialidade e parentesco. O texto insere-se num esforço de sistematização bibliográfica sobre experiência onírica entre as parcialidades guarani ? assunto esparsamente citado, mas pouco aprofundado e organizado até agora ? e de comparação com as experiências oníricas de outros povos ameríndios. Como é recorrente entre muitas populações indígenas do continente, o sonho aparece entre os Guarani como experiência cosmopolítica decisiva para obtenção de capacidades existenciais de alteridades sobre-humanas. Compartilhados entre os co-residentes pela manhã, as ?mensagens? recebidas das divindades ou os encontros com outros seres durante os sonhos repercutem em diferentes escalas da vida: desde o nível ?pessoal?, quando permitem vislumbrar estados de saúde de uma pessoa e das atividades que ela deve ou não realizar em determinado dia, até o nível ?coletivo?, como no caso dos sonhos que mostram lugares onde se podem fundar novas aldeias. No presente work busco, em primeiro lugar, compreender como sonhar (-exa ra?u) supõe e/ou dá forma a um ?socius multilocal? (Pissolato 2007) ao fazer figurar no horizonte a possibilidade de rompimento de relações atuais em prol da atualização de parentesco com parentes com os quais nunca se conviveu e da efetivação de novos casamentos nas aldeias a serem visitadas. Em seguida,

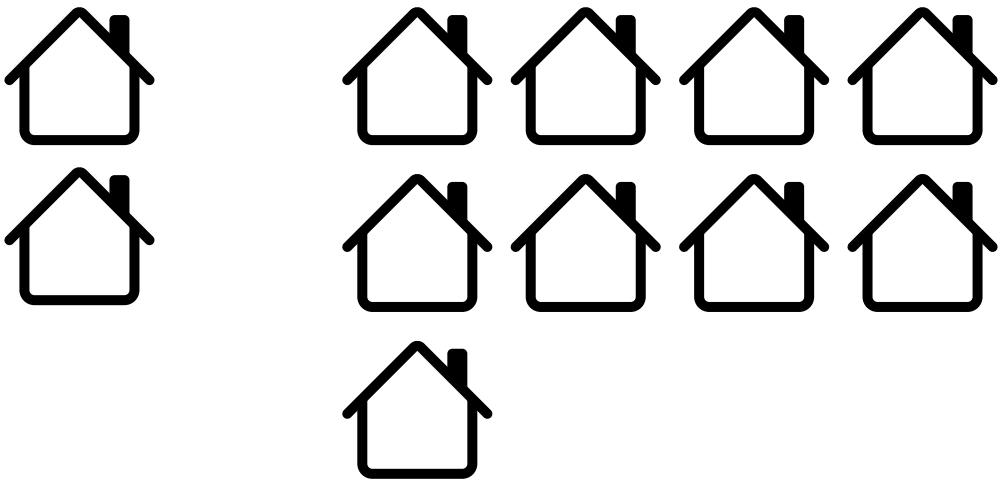
www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA ISBN: 978-65-87289-08-3

busco aferir como essa atualização do parentesco e de um ?socius multilocal? em sonho se dá ainda em um outro sentido: é muitas vezes no encontro onírico com antepassados mortos que as divindades mostram aos Guarani o território futuro onde uma aldeia deve ser fundada ? territórios, não raro, por onde esses antepassados caminharam no passado. Ao discutir as relações entre sonho, parentesco e multilocalidade, busco sustentar que o sonho entre os Mbya pode atuar como uma das ?tecnologias de antecipação? ameríndias (Sztutman 2020) voltadas à conjuração de agências ou eventos que pretendem subjugá-los. Quando articulados a deslocamentos territoriais, os sonhos, por um lado, podem compor aspectos de uma ?sociabilidade insegura? (Pissolato 2007) ? na medida em que influenciam no rompimento de relações ?, mas, por outro lado, eles comumente têm por efeito a produção de ?alegria? (-vy?a) daquele(s) que parte(m), que buscarão estabelecer novas relações em um território propício ao ?fortalecimento? (-mbarete) por ter sido, no passado, por onde caminharam os ancestrais. Não obstante, este é um processo sem fim: a forma (dificilmente totalizável) que tomam as redes guarani espalhadas pelo continente possui como marca a constante mudança, correlata à lógica de suas andanças pelo mundo ? andanças que encontram no sonho um lugar de orientação fundamental.

Trabalho completo

 ISBN: 978-65-87289-08-3

Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização: **Apoio:** **Organização:**